

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CASTELO VELHO DE VIEIROS, ESTREMOZ. NOTÍCIA DA SUA IDENTIFICAÇÃO.

ARNAUD, J. Morais

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

ARNAUD, J. Morais, Castelo velho de Vieiros, Estremoz. Notícia da sua identificação. *Revista de Guimarães*, 78 (1-2) Jan.-Jun. 1968, p. 61-76.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

“Castelo Velho” de Veiros (Estremoz)

Notícia da sua identificação

Por J. MORAIS ARNAUD.

1. *Introdução*

Há alguns anos, passando férias comigo em Veiros, o Dr. Júlio de Moraes, meu avô, chamou-me a atenção para o topónimo «Castelo Velho», nome de uma herdade dos arredores. Nesse ano não tive ocasião de lá ir e durante muito tempo não voltei a passar férias em Veiros.

Todavia, não esquecer a «Castelo Velho» e, em 8 de Julho de 1967, efectuei uma primeira visita à herdade. O que nesse dia ali observei ultrapassou largamente as minhas expectativas: a vastidão das muralhas, os materiais cerâmicos existentes no recinto fortificado e as condições estratégicas deste, revelaram uma importante povoação de tipo castrejo. Nem sequer faltava a lenda do tesouro escondido, neste caso uma bezerra de ouro, enterrada à entrada da «cerca». A dificuldade em achá-lo estava apenas no facto de se ignorar onde era a entrada, pois havia já muitos troços de muralha arruinados. Os afa-zeres do proprietário da herdade, o Sr. João António Domingos, inteligente e dinâmico agricultor que des-bravou palmo a palmo a terra que ainda hoje trabalha com incansável afã, e a sua imaginação mais voltada para o trabalho do que para o sonho, muito contri-

buíram para evitar tentativas de vulto no sentido de encontrar o «tesouro» (1).

Nessa minha primeira visita poucos materiais recolhi, pois o estado do terreno, recém-ceifado, dificultava a prospecção de superfície. Encontrei apenas vários fragmentos cerâmicos de tipos diversos. O Sr. João Domingos, ofereceu-me, todavia, algumas peças achadas na «cerca» durante os trabalhos agrícolas e que lhe haviam despertado a curiosidade: várias moedas e venerated de bronze e de cobre, predominantemente dos séculos XVIII e XIX (entre as quais um numisma que, depois de cuidadosamente limpo pelo Arq.º Gustavo Marques, se verificou ser um médio bronze romano), um crucifixo, dois cossoiros de barro, três pequenas contas de vidro azul, uma conta de bronze decorada e duas pedras afeixoadas de granito (provavelmente projecteis de funda). Observei ainda no «monte» várias pedras de mó manual giratória.

Estes materiais permitiram-me localizar cronologicamente o recinto fortificado na Idade do Ferro, ainda que com vestígios de presença humana posterior.

Dentro das muralhas observei ainda duas curiosas construções de tecto de falsa cúpula a que me referirei mais adiante.

O Sr. João Domingos contou-me ainda que, há já mais de 20 anos, encontrara algumas sepulturas de pedra, rectangulares, contendo ossos, e que quando lavraram o terreno os arados se embaraçavam frequentemente em pedras que pareciam «pegadas ao chão», à semelhança de «calçadas».

Só em 26 de Outubro de 1967 pude voltar a Veiros, acompanhado por Teresa Milhano Arnaud, pelo Arq.º Gustavo Marques e por Aníbal Falcato, em companhia dos quais iniciei as prospecções de superfície, sistematicamente. Em 27, 29 e 30, continuei as prospecções de superfície, examinei mais detidamente o interior e o exterior das construções de falsa cúpula já referidas, e pus a descoberto, com o auxílio do Sr. João Domingos,

(1) Lenda muito semelhante, com ligeiras modificações de pormenor, corre no Alentejo e na Beira a respeito de outras estações arqueológicas.

uma sepultura de pedra semelhante às encontradas por este anteriormente, a cuja escavação não procedi por não ter tempo de o fazer com os necessários cuidados.

Entre os materiais recolhidos nestas prospecções, contam-se inúmeros fragmentos cerâmicos de vários tipos, cossoiros, contas de colar, percutores de granito e uma fíbula de bronze, materiais que vieram confirmar a identificação de uma importante estação arqueológica, predominantemente da Idade do Ferro.

Mais tarde, verifiquei que Marques Crespo já se referira ao «Castelo Velho» nestes termos: «Na herdade denominada «Castelo Velho» há uma «cerca» (é mesmo conhecida por este nome) com uma área de aproximadamente 15 000 metros quadrados: têm ainda na maior parte restos de muralhas; dentro toda a terra é semeada: fica situada mesmo na junção das duas ribeiras — Ana Loura e Alcarriça» (1).

Em 3 de Novembro enviei para os diários «O Século» e «Diário de Lisboa» e para o semanário local «Brados do Alentejo» uma breve notícia acerca do castro.

Em 1, 2 e 3 de Dezembro voltei a Veiros com Teresa Milhano Arnaud e com o Arq.^o Gustavo Marques. Continuámos as prospecções de superfície no interior e exterior do recinto fortificado e nos outeiros circunvizinhos. No dia 3, com a colaboração de Sr. João Domingos, encontrámos junto da sepultura 1 uma outra que descreverei mais adiante. Como já acontecera com a primeira, não tivemos ocasião de a escavar, tendo-nos limitado a fotografá-la e a desenhá-la. Iniciámos ainda a concentração das várias pedras de mó dispersas pelos morouços do recinto fortificado e das áreas circunvizinhas.

Esta segunda fase de prospecções mostrou-se particularmente rica em materiais cerâmicos. Entre as peças recolhidas revelaram-se especialmente importantes vários fragmentos de tijoleira, um fragmento de régula e o fundo de uma ânfora, de época tardia, e outros fragmentos cerâmicos de tipo romano, elementos que contribuíram para uma melhor definição da romanização, da qual até então poucos indícios possuíamos.

(1) Marques Crespo — *Estremoz e o seu Termo regional*, Estremoz 1950 (ed. do autor), pág. 235.

Em 7 de Dezembro fiz uma comunicação sobre o «Castelo Velho» de Veiros à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, e em 26 do mesmo mês comuniquei a identificação desta estação à Junta Nacional da Educação, requerendo a necessária autorização para proceder a escavações, autorização essa que me foi concedida por ofício de 20 de Março de 1968.

2. *Situação e características geomorfológicas.*

O «Castelo Velho» situa-se na freguesia de S. Bento de Ana Loura, a 2 km desta localidade, à mesma distância da vila de Veiros e a 15 km de Estremoz. Implanta-se no mais alto dos três outeiros compreendidos na península ou esporão que se forma na confluência dos dois principais cursos de água que atravessam a região — as ribeiras de Alcarriça e de Ana Loura.

Este outeiro, com a cota máxima de 312 m, é particularmente escarpado nas vertentes este e oeste, descendo mais suavemente para sul e norte, até se espriaiar a noroeste sucessivamente no outeiro ocupado pelo «monte» e num outro que termina no ponto de confluência das duas ribeiras já referidas (Ver fig. 1).

Geològicamente, o terreno é constituído por estratos de xisto que fazem parte do «grande afloramento silúrico do Alto Alentejo» (1).

As coordenadas geodésicas do local são as seguintes: (2)

| | | | |
|-----|-----|------|-------|
| 7° | 29' | 45'' | W Gr. |
| 38° | 55' | 50'' | N |

3. *Muralhas*

O recinto fortificado está orientado no sentido noroeste-sueste, apresentando no lado norte um prolongamento para este (Ver. fig. 2 e 3).

(1) Carlos Teixeira — *Notas sobre Geologia de Portugal*, Vol. I, O Silúrico, Lisboa 1955.

(2) *Carta Corográfica de Portugal*, na escala 1:50.000, folha 36-B, Instituto Geográfico e Cadastral, 1950.

A muralha é constituída por pequenas lajes de xisto, material de construção ainda hoje predominante na região, cuja largura oscila entre 30 e 50 cm, com cerca de 10 cm de espessura, colocadas em fiadas horizontais, sem qualquer argamassa. Conserva-se ainda ao longo de todo o recinto, mas alguns troços estão já muito arruinados. Nos tramos mais bem conservados, a altura da muralha atinge 2 a 3 m e a sua espessura oscila entre 1,5 e 2,5 m.

O perímetro do recinto fortificado é de aproximadamente 1.000 m, tendo o eixo maior, no sentido noroeste-sueste, cerca de 350 m e sendo a sua largura média de 200 m. É, pois, relativamente grande se o compararmos com o de outros povoados castrejos da Península e só largamente suplantado, em território português, pela Citânia de Sanfins (muralha interior — 1250 m) (1).

No lado este, já na parte mais larga do recinto, existe uma rampa exterior. Não foi ainda possível determinar se terá sido um dos acessos do povoado da Idade do Ferro ou se terá sido feita posteriormente. Observamos que dessa rampa parte um caminho que corre ao longo da muralha (Ver fig. 2) e vai dar ao poço que ainda hoje abastece o «monte» da herdade.

4. *Sepulturas*

Como já foi referido, na minha primeira visita ao castro, o Sr. João Domingos contou-me que, há já mais de 20 anos, encontrara durante a lavoura, no topo sudoeste do recinto, várias sepulturas rectangulares feitas de lajes de xisto, que ainda continham ossos. Como dificultavam os trabalhos agrícolas, foram desmontadas. Deviam ser do mesmo tipo das outras duas que foram postas a descoberto em Outubro e Dezembro de 1967, as quais se situam no eixo do recinto, a 63-64 m a oeste das construções de falsa cúpula, e estão voltadas para WSW.

(1) E. Jalhay — *Citânia de Sanfins. 1.ª Campanha, 1944*, in «Brotéria» Vol. XXXIX, f. 5, Lisboa, 1944.

Sepultura 1 — (fig. 4, à esquerda) A cabeceira é constituída por uma laje de xisto, colocada de cutelo, com cerca de 50 cm de altura, dos quais 20 ficam acima do actual nível do solo; os outros 3 lados são constituídos por pequenas lajes de xisto, colocadas horizontalmente. Mede 1,66 m de comprimento e 0,40 m de largura. A profundidade só se poderá determinar depois de completada a escavação, a qual foi suspensa ao encontrarmos restos de ossos muito desfeitos, que provaram a sua não violação e exigiam cuidados e tempo de que não dispúnhamos.

Sepultura 2 — (fig. 4, à direita). É constituída por seis lajes de xisto, todas colocadas de cutelo. A da cabeceira deve estar quebrada e a da outra extremidade já deve ter sido retirada. Mede 1,60 m de comprimento e 0,65 m de largura. Quanto à profundidade também ainda nada sabemos, pois limitámo-nos a definir-lhe o contorno.

Sobre a cronologia destas duas sepulturas ainda nada sabemos de concreto, uma vez que estão ambas por escavar e não apresentam características morfológicas especiais. São, todavia, certamente posteriores à Idade do Ferro, pois foram escavadas sobre a camada de ocupação dessa época. Atribuímolas, com reserva e provisoriamente, à época lusitano-romana ou mesmo ao período alto-medieval.

5. *Descrição dos materiais*

A análise dos materiais recolhidos nestas breves prospecções permitiu a identificação de dois períodos fundamentais de ocupação; a Idade do Ferro e a Época Lusitano-Romana.

Como elementos de comparação, além dos materiais expostos no Museu Nacional de Arqueologia, provenientes de estações da Idade do Ferro, nomeadamente dos castros de Pragança, Azougada e Cabeça de Vaiamonte e ainda do estrato pré-romano de Conimbriga, utilizei principalmente os trabalhos monográficos e de síntese que os arqueólogos espanhóis consagraram aos principais castros de Meseta, como

Las Cogotas (1), Chamartin de la Sierra, La Osera (2), Cerro del Berrueco (3) e Sanchorreja (4).

Entre os trabalhos de autores portugueses, além dos de Martins Sarmento (5) e de Mário Cardozo (6) sobre Briteiros e Sabroso, quero salientar o de Santos Rocha (7) sobre os castros de Santa Olaia, Tavadede e Chões, por me parecer particularmente sistemático e baseado em escavações meticolosas, de um nível raramente superado por arqueólogos portugueses contemporâneos, apesar do enorme progresso das técnicas arqueológicas a que se assistiu nos últimos 25 anos.

IDADE DO FERRO (8)

Materiais líticos

Granito

- 1 fragmento de mó manual de tipo neolítico *
- 3 percutores esferoidais (Fig. 6, n.º 12 e 14) *

(1) Juan Cabré Aguilló — *Excavaciones de Las Cogotas-Cardenosa (Avila) — I*, «Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades», Memória n.º 110, Madrid 1930.

(2) J. Cabré, A. Molinero Pérez y E. Cabré de Morán — *El castro y la necrópolis del Hierro celtico de Chamartin de la Sierra (Avila)*, in «Acta Arqueológica Hispánica», V, Madrid 1950.

(3) J. Maluquer de Motes — *Excavaciones Arqueológicas en el Cerro del Berrueco*, in «Acta Salmanticensia», XIV, Salamanca 1958.

(4) J. Maluquer de Motes — *El Castro de Los Castillejos, en Sanchorreja*, Seminário de Arqueologia, Salamanca 1958.

(5) Martins Sarmento — Ver principalmente os vários artigos publicados na «Revista de Guimarães», dos quais os mais representativos foram coligidos no volume *Dispersos*, publicado em 1933 pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

(6) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 4.ª ed., Guimarães 1956; numerosos artigos espalhados por quase todos os números da «Revista de Guimarães», desde o Vol. XXXVII (1927).

(7) Santos Rocha — *Estações pré-romanas da Idade do Ferro das vizinhanças da Figueira*, in «Portugália», T. II (f.-3, págs. 301-359 e f.-4, págs. 493-516), Porto 1908.

(8) As peças marcadas com * podem integrar-se na Idade do Ferro, com reservas.

Calcário

— Vários elementos de mós manuais giratórias de tipo céltico, inteiras e fragmentadas.

Arenito

— Várias afiadeiras (Fig. 6, n.º 13)

Quartzito

— Vários seixos quebrados *

As mós de tipo neolítico são pouco comuns em castros da Idade do Ferro, mas Santos Rocha (1) encontrou-as nos povoados inferior e médio de Santa Olaia. As mós giratórias aparecem em grande abundância em todos os povoados desta época.

Os percutores esferoidais de secção sub-triangular são iguais aos de Pragança e mostram nítidos vestígios de utilização.

Os seixos quebrados aparecem muito frequentemente em povoados castrejos. Mário Cardozo (2) refere a sua abundância em Briteiros e considera-os, hipoteticamente, pedras de funda. Outros autores, baseando-se numa referência de Estrabão (3), pensam que, depois de postas ao fogo, serviam para aquecer recipientes.

*Materiais cerâmicos**Cerâmica de recipientes*

Os numerosos fragmentos recolhidos podem agrupar-se em dois tipos fundamentais (4):

(1) *Ob. cit.* pág. 353-354.

(2) *Ob. cit.* pág. 45.

(3) *Geografia* — III, 3-6.

(4) Na descrição das cerâmicas foi utilizada a terminologia proposta por Hélène Balfet no capítulo «Terminologie de la Céramique» de *La Préhistoire*, dir. A. Leroi-Gourhan, Coll. Nouvelle Clé, P. U. F. Paris 1966.

Tipo A

Cerâmica de pasta grosseira, com grande percentagem de elementos não plásticos, sem vestígios de roda, de superfície rugosa, núcleo cinzento sem ou com espesso engobo castanho avermelhado (espessura interna — 0,5 a 1,5 mm; externa — 2 a 4 mm). As irregularidades de coloração tanto do núcleo como do engobo, que por vezes se interpenetram, denotam uma cozedura deficiente, apesar da dureza relativa da pasta (Fig. 6, 1 a 3).

Tipo B

Cerâmica de pasta mais fina e homogénea, com percentagem média de elementos não plásticos e mostrando nítidos vestígios de roda, de superfície pouco rugosa, núcleo castanho acinzentado ou mesmo vermelho, e fino engobo avermelhado (interno — 0,3 a 0,5 mm; externo — 1,5 a 2 mm). A maior homogeneidade de coloração, com predomínio dos tons de vermelho, pressupõe um sistema de cozedura mais aperfeiçoado (fig. 6, 4 e 6).

Ambos os tipos cerâmicos são definidos por bordos revirados e asas de secção circular, que devem ter pertencido a vasos com grandes afinidades morfológicas, geralmente de dimensão média ou mesmo grande. O vaso-tipo deve ser muito semelhante ao tipo III do sector VI da necrópole de La Osera (1).

Em ambos os tipos há fragmentos com decoração incisa ou impressa, mas a primeira forma predomina claramente no tipo A, aparecendo todavia, juntamente com a impressa, em vasos do tipo B (fig. 5, 3).

Na ausência de elementos estratigráficos, é difícil localizar cronológica e corològicamente estes dois tipos de cerâmica a que correspondem respectivamente, nas

(1) *Ob. cit.* nota 7, fig. 15.

suas linhas gerais, as duas formas de decoração presentes. Todavia, parece-me ser possível estabelecer, provisoriamente, um paralelo com os tipos de cerâmica decorada patentes nos castros da Meseta, principalmente os de La Osera e Las Cogotas.

Assim, o tipo A, com decorações predominantemente incisadas, feitas por punção de vários dentes (fig. V, 9) ou simplesmente por pressões digitais (fig. 5, 1) incluindo um fragmento em que as incisões foram praticadas sobre um cordão em relevo (fig. 5, 6), corresponderá aos «cuencos» e «ollas» de La Osera (1) e de Las Cogotas (2) que Juan Cabré Aguilló considera a mais característica da «cultura de Las Cogotas» e coloca no final de Hallstatt, tendo subsistido até La Tène II.

Quanto ao tipo B, com decorações predominantemente impressas, é perfeitamente comparável às cerâmicas de La Osera (3) onde também há exemplares com decoração mista, incisada e impressa (4), e de Las Cogotas (5) às quais Cabré Aguilló se referiu nestes termos:

«En los castros del Bajo Duero y especialmente en los del Norte de Portugal y Galicia que no perecieron en la hecatombe de lo de Las Cogotas, de Los Castillejos de Sanchorreja, etc., etc., sobrevivieron durante la época de La Tène III y luego alcanzaron la cultura romana, la cerámica decorada com estampillados del género de los de este capítulo, sin perder su caracter primitivo, culminó su evolución, dando origen a la manufactura de vasos de una riqueza extraordinária en elementos decorativos y en la organización de ellos; en una palabra, esta cerámica se perfeccionó en tal grado durante la época de La Tène III, que conquistó personalidad artística propia.» (6)

(1) *Ob. cit.* Lams. LXXXIV a XCVII.

(2) *Ob. cit.* págs. 47 a 50 e Lams. XXIII, XXVII, XXVIII, XXXI, XXXVII.

(3) *Ob. cit.* Lams. XCVIII e IC.

(4) *Ob. cit.* Lams. XCII e XCVI.

(5) *Ob. cit.* págs. 64 a 67, Lams. XLIX a LVI.

(6) Las Cogotas, *ob. cit.*, pág. 67.

Na verdade, em Briteiros (1) e em Sabroso (2) há curiosos exemplares de decorações impressas. Todavia, os fragmentos encontrados no castro de que nos ocupamos na presente notícia parecem derivar mais directamente dos padrões correntes nos castros da Meseta espanhola já referidos, posto que a sua escassez não me permita, por enquanto, tirar grandes ilações do facto, ainda que a tal seja tentado.

No actual território português, as cerâmicas impressas, e mesmo incisadas, que mais se assemelham às recolhidas em Veiros, são as do estrato da Idade do Ferro da gruta da nascente do rio Almonda (3).

Cossoiros — 4, sendo 2 de base recta e 2 de base côncava.

Materiais metálicos

Bronze

— 1 *fibula* do «tipo de Sabroso» da classificação de José Fortes (4), incompleta, pois o arco está quebrado num ponto anterior à inserção da mola espiraliforme bilateral. Também o apêndice caudal deve estar incompleto, pois costuma-se elevar a um nível superior ao do arco. Este é lameliforme, provido de uma nervura longitudinal, com seis estrias transversais junto ao ponto pelo qual se quebrou, e de duas no lado oposto, junto da goteira em que assentava o fusilhão. O apêndice é constituído por quatro discos sobrepostos, encimados por um outro mais espesso. A rigidez da classi-

(1) *Ob. cit.* Est. XXIX.

(2) *Ob. cit.* Est. XXXVIII.

(3) Afonso do Paço, Maxime Vaultier e Georges Zbyszewski, *Gruta da Nascente do rio Almonda*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», fasc. I, Vol. XI, Porto 1947.

(4) José Fortes — *As fibulas do Noroeste da Península*, in «Portugalia», T. II, f. 1, Porto 1908, págs. 16-17, figs. 1 a 12.

ficção de José Fortes, foi, segundo Mário Cardozo (1), abalada por descobertas posteriores, sendo esse tipo de fibulas considerado hoje morfològicamente «derivado das do período final do Hallstatt II, ditas de La Certosa, constituindo assim um tipo de transição para os modelos de La Tène».

— 1 *conta*, com decoração em S, semelhante às encontradas em Briteiros (2).

Ferro

— Vários pedaços de escória.*

ÉPOCA LUSITANO-ROMANA

Materiais cerâmicos

Cerâmica de construção

— 1 fragmento de tijolo de quadrante, com 6,5 cm de espessura.

— 1 fragmento de tégula.

Cerâmica de recipientes de uso comum

a) Vários fragmentos, incluindo bordos espessos, asas com veio central e fundos cónicos, de pasta castanha muito clara, homogénea e consistente, fabricada com um desengordurante arenoso, típico das ânforas (fig. VI, 7 a 10).

b) Vários fragmentos, incluindo bordos revirados e asas (fig. 6, 5) que devem ter pertencido a vasos morfològicamente muito semelhantes aos do tipo A

(1) *Ob. cit.* pág. 66.

(2) *Ob. cit.* Est. XXIX, 4.

e B da Idade do Ferro atrás descritos. Todavia, foram feitos numa pasta muito mais cuidada, com um desengordurante arenoso e cobertos por um fino engobo, que por vezes se distingue dificilmente do núcleo, devido à semelhança de coloração. Lamentavelmente, nas monografias referentes a estações da época romana, raras vezes aparecem referências às cerâmicas de uso comum (com excepção das ânforas) que também aparecem raramente nas vitrinas dos museus. A atribuição destas cerâmicas ao período da ocupação romana foi-me sugerida por um trabalho referente ao Castelo da Lousa⁽¹⁾ no qual figuram os desenhos de alguns bordos iguais aos da estação de que me ocupo.

c) Vários fragmentos de pasta mais fina do que a anterior, entre os quais três fundos de uma cerâmica já muito mais apurada, de núcleo castanho avermelhado e fino engobo negro. Estes fundos são morfológicamente iguais aos da cerâmica campaniana e da *terra sigillata* e definem frágeis vasos de pequenas dimensões.

Moedas

— 1 médio bronze que, depois de limpo no laboratório do Centro de Estudos Arqueológicos de Sesimbra, mostrou no anverso a efígie de um *Janus Bifrons*, típica dos numismas da República. O reverso está completamente liso.

6. Conclusão

Estamos, pois, perante um importante povoado fortificado da Idade do Ferro, situado numa região onde esta época é ainda mal conhecida. Os materiais

(1) Afonso do Paço, Adília e Jorge de Alarcão — *Castelo da Lousa*, in «Boletim da Junta Distrital de Évora», Évora 1967.

recolhidos, apesar de escassos e provenientes de simples prospecções de superfície, são suficientemente ricos em sugestões e põem alguns problemas a que importa dar solução, o que só será possível mediante escavações cuidadosas e sistemáticas.

Quanto à cronologia, é ainda prematuro tirar qualquer conclusão. Todavia, o conjunto arqueológico da Idade do Ferro parece situar-se entre os últimos tempos de influência hallstática e o período de La Tène III, isto é, na 2.^a Idade do Ferro Céltico da cronologia proposta por Santa Olalla, ou na Idade do Ferro III e IV-A de Martin Almagro, ou seja, entre o século V e o século II a. C. A ocupação romana, ou pelo menos a sua influência económica e cultural, deve ser relativamente antiga, tendo-se prolongado talvez até ao século III ou IV d. C.

APÊNDICE

Construções circulares geminadas com cobertura de falsa cúpula

No interior do recinto há duas curiosas construções circulares geminadas, com cobertura de falsa cúpula. Uma delas está relativamente bem conservada, apenas lhe faltando um pedaço da cúpula. A outra, todavia, está já muito arruinada. São formadas por pequenas lajes de xisto, colocadas em fiadas horizontais, sem argamassa, e têm uma consistência muito semelhante à dos troços de muralha que ainda se conservam intactos. Numa delas, a melhor conservada, pudemos observar uma porta com 0,42 m de largura e uma janela diametralmente oposta, com 0,22 m de lado. Na parede comum nota-se uma pequena passagem circular, presentemente tapada por uma pedra. A espessura das paredes é de cerca de 0,60 m. O entulhamento com-

pleto de uma e parcial da outra, impossibilita uma observação da parte inferior das construções. Todavia, numa delas, conseguimos afastar as lajes num pequeno sector, e encontrámos uma camada de terra batida. Porém, ainda nos não foi possível efectuar qualquer escavação no seu interior. O compartimento melhor conservado tem 2,4 m de diâmetro interno e cerca de 1,7 m de altura máxima, a partir do solo actual. Em frente dos dois compartimentos há um pátio, repleto de pedras, que todavia nos pareceu posterior. Só uma sondagem no exterior e uma escavação sistemática do interior, depois de completamente desentulhado, nos poderão dar melhores elementos. De qualquer modo parece-me importante assinalar a presença destas construções e muito especialmente a cobertura de falsa cúpula. Tratar-se-á de uma simples pocilga? Parece-me difícil de aceitar a utilização de um tipo de construção relativamente complexo para tal fim. É, evidentemente, prematuro considerá-las habitações da Idade do Ferro. E, se assim fosse, qual a razão da conservação exclusiva de duas dessas habitações? Todavia, o problema da cobertura das casas circulares castrejas ainda não está completa e uniformemente resolvido e a hipótese da cobertura de falsa cúpula já não é nova, tendo sido inclusivamente aceite por Mário Cardozo (1) para certas habitações de Briteiros e de Sabroso, comparáveis às ainda existentes «em algumas das nossas aldeias montesinhas» (2) e ainda por Jorge Dias (3) que afirma: «aceitando como possível tal tipo de construção dentro da cultura castreja, julgámo-la arcaica e de origem diferente da das outras construções descritas». A opinião destes dois autores, a quem se devem, juntamente com

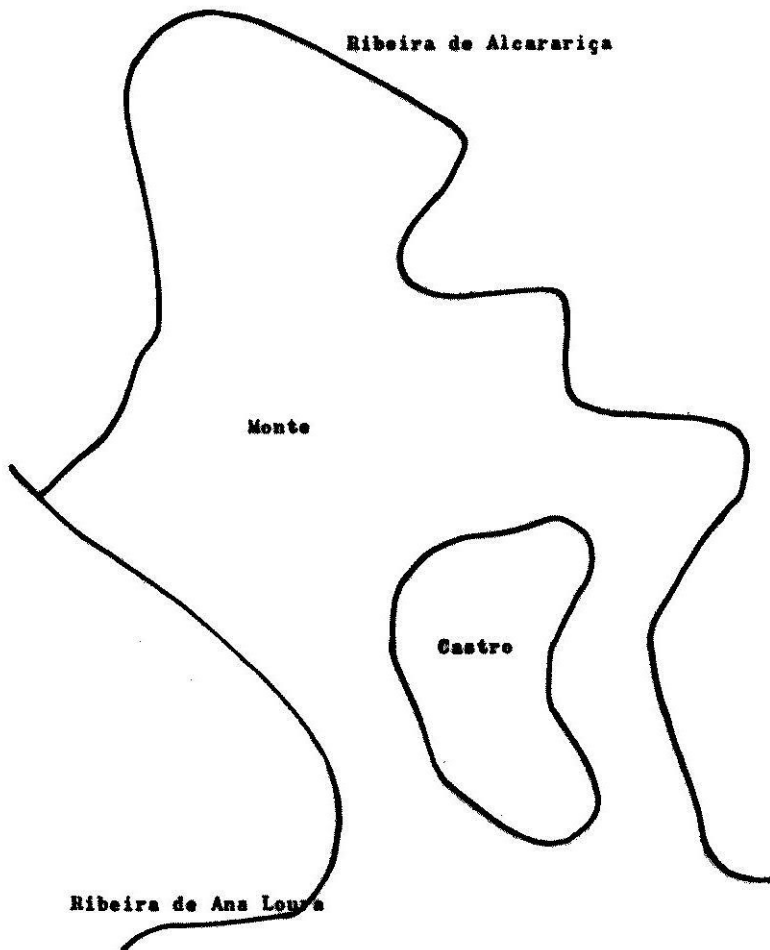
(1) *Ob. cit.* pág. 33.

(2) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 3.^a ed. 1948, pág. 54.

(3) Jorge Dias — *O problema da reconstituição das casas redondas castrejas*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XII, fasc. 1-2, Porto 1949, págs. 25-29.

Florentino López Cuevillas e Joaquín Lorenzo (1) os melhores estudos sobre as habitações castrejas, parece-me por demais suficiente para admitir em princípio, e exclusivamente como hipótese de trabalho, a antiguidade destas construções.

(1) Florentino López Cuevillas y Joaquín Lorenzo — *Las habitaciones de los castros* in «Cuadernos de Estudios Galegos», Madrid 1946.



Ribeira de Alcarariça

Monte

Castro

Ribeira de Ans Louva



Fig. 1 — *Vista aérea do castro — Esc. 1:8.500*

(Foto dos Serviços Cartográficos do Exército).



Fig. 1 — Vista aérea do castru — Esc. 1:8.500

(Foto dos Serviços Cartográficos do Exército).

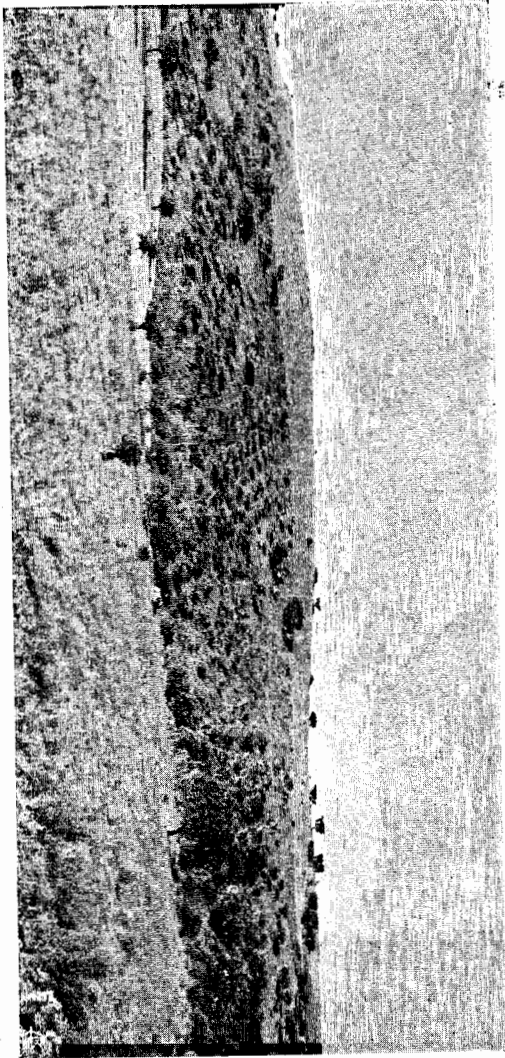


Fig. 2—O castro visto de oriente.

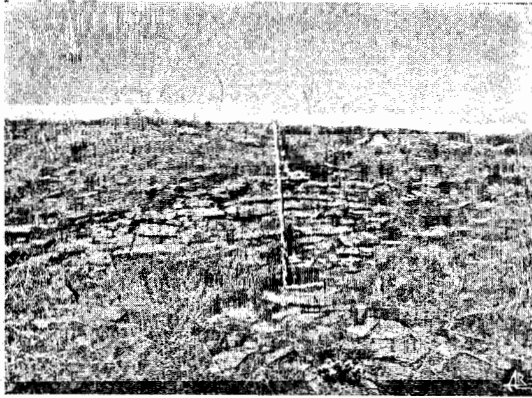


Fig. 3 — *Pormenor da muralha.*



Fig. 4 — *Sepulturas 1 e 2.*

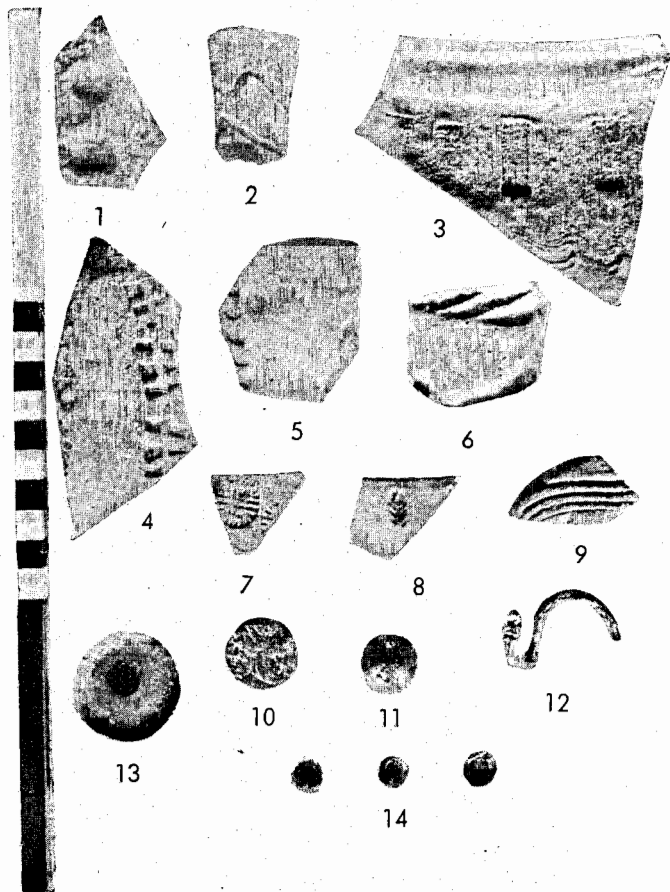


Fig. 5 — Materials.

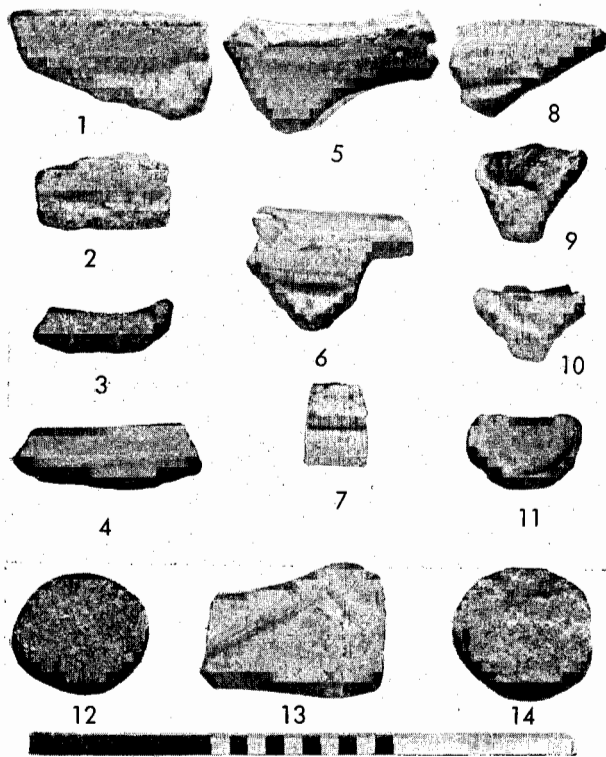


Fig. 6 — *Materials.*



Fig. 7 — Uma das construções circulares de falsa cúpula.